

O Que é uma Cosmovisão?

James W. Sire

Poucas pessoas têm alguma coisa próxima a uma filosofia articulada – pelo menos como demonstrado por grandes filósofos. Menos ainda, desconfio, possuem um esquema teológico cuidadosamente construído. Mas todos têm uma cosmovisão. Toda vez que pensamos sobre qualquer coisa – desde um pensamento casual (Onde deixei meu relógio?) até a mais profunda questão (Quem sou eu?) – estamos operando dentro de um esquema de pensamento e ações. Na verdade, isto é apenas a hipótese de uma cosmovisão – básica ou simples – que nos permite pensar como um todo.

O que é, então, esta coisa chamada cosmovisão que é tão importante para todos nós? Eu nunca ouvi falar de nenhuma. Como poderia ter uma? Esta pode muito bem ser a resposta de muita gente. Um exemplo pode ser encontrado em *monsieur Jourdain*, personagem da peça de Molière, *O Burguês Fidalgo*, que subitamente descobriu que passou quarenta anos de sua vida falando em prosa sem saber o que isso significava. Mas descobrir nossa própria cosmovisão é muito mais precioso. Na verdade, é um passo significativo na direção da autoconscientização, do autoconhecimento e do auto-entendimento.

Então, o que é uma cosmovisão? Em essência, é um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que sustentamos (consciente ou inconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a formação básica do nosso mundo.

A primeira coisa que todos nós reconhecemos antes mesmo de começarmos a pensar, é que alguma coisa existe. Em outras palavras, toda cosmovisão admite que alguma coisa existe, ao contrário de que nada existe. Essa hipótese é tão primária que a maioria de nós nem mesmo sabe que a assumiu.¹ Nós a tomamos como muito óbvia para mencioná-la. É claro que alguma coisa existe!

Realmente existe. Essa é a questão. Se não a reconhecemos, não chegamos a lugar nenhum. Além disso, como muitos outros “fatos” que nos saltam aos olhos, o significado pode ser tremendo. Neste caso, a apreensão de que alguma coisa existe é o começo da vida consciente – assim como tratamos os dois ramos da filosofia: Metafísica (o estudo do ser) e da Epistemologia (o estudo do conhecimento).

O que tão logo descobrimos, contudo, é que, uma vez que reconhecemos *que* alguma coisa existe, não reconhecemos necessariamente *o que* alguma coisa é. E aqui é onde as cosmovisões começam a divergir. Algumas pessoas admitem (pensando ou não sobre isso) que a única substância básica que existe é a *matéria*. Para essas

¹ Whitehead diz que algumas “pressuposições parecem tão óbvias que as pessoas não sabem o que estão assumindo, porque outra maneira de ver o mundo nunca lhes ocorreu”. Veja A. N. Whitehead, *Science and the Modern World* (1925; reimpressão Nova York: Mentor, 1948), p. 49.

peças, tudo é em última instância uma coisa, mas admitem que essa coisa é Espírito ou Alma ou alguma substância não-material.

Mas não devemos perder-nos em exemplos. Estamos agora interessados na definição de uma cosmovisão. Uma cosmovisão é composta de um conjunto de pressuposições básicas, mais ou menos consistentes umas com as outras, mais ou menos conscientemente elaboradas, mais ou menos verdadeiras. Em geral, não costumam ser questionadas por nós mesmos, raramente ou nunca são mencionadas por nossos amigos, e são apenas lembradas quando somos desafiados por um estrangeiro de outro universo ideológico.²

Sete Perguntas Básicas

Outra maneira de entender com o que uma cosmovisão se parece, é vê-la, essencialmente, como aquele conjunto de respostas simples e imediatas que temos na ponta da língua para as sete perguntas seguintes:

1. *Qual é a realidade primordial – o que é realmente verdadeiro?* A isso, podemos responder: Deus, os deuses ou o cosmo material.

2. *Qual é a natureza da realidade externa, isto é, do mundo ao nosso redor?* Aqui nossas respostas sinalizam se vemos o mundo como criado ou autônomo, como caótico ou ordenado, como matéria ou espírito; se nossa ênfase é subjetiva e de relacionamento pessoal com o mundo ou se sua objetividade o separa de nós.

3. *O que é um ser humano?* A essa pergunta, podemos responder: uma máquina altamente complexa, um deus adormecido, uma pessoa feita à imagem de Deus, um “gorila nu”.

4. *O que acontece quando uma pessoa morre?* Aqui podemos replicar: com extinção pessoal, ou transformação em estado elevado, ou reencarnação, ou partida para uma existência obscura “no outro lado”.

5. *Por que é possível conhecer alguma coisa?* Respostas simples incluem a idéia de que fomos criados à imagem de um Deus todo-conhecedor, ou essa consciência e racionalidade desenvolveram-se sob as contingências de sobrevivência através de um longo processo evolutivo.

6. *Como sabemos o que é certo e errado?* Mais uma vez a resposta: ou fomos criados à imagem de um Deus cujo caráter é bom, ou o certo e o errado são determinados somente pela escolha humana ou pelo que nos faz sentir bem, ou as noções

² Talvez com esta edição de *O Universo ao Lado* [livro fonte do excerto], seja apropriado confessar que há muito tempo T. S. Eliot me deixa contrariado. A ele é atribuído o crédito do ditado: “Os poetas medíocres imitam; os bons poetas roubam”. O título para este livro [em inglês, *The Universe Next Door*] ocorreu das duas últimas estrofes de um poema de Edward Estlin Cummings, “pity this busy monster, manunkind...: listen: there’s a hell/of a good universe next door; let’s go”. [compadeça-se desse atarefado monstro, desumanidade...: ouça: há um brutal/universo bom ao lado; sigamos em frente]. Veja Edward Estlin Cummings, *Poems: 1923-1954* (Nova York: Harcourt Brace, 1954), p. 397.

simplesmente se desenvolveram sob um ímpeto orientado à sobrevivência física ou cultural.

7. *Qual o significado da história humana?* A isso podemos responder: compreender os propósitos de Deus ou deuses, preparar um paraíso na Terra, preparar um povo para uma vida em comunidade com um Deus amoroso e santo, e assim por diante.

Dentro de várias cosmovisões básicas, outras questões são levantadas. Por exemplo: Quem está no comando deste mundo – Deus, os seres humanos ou ninguém? Somos seres humanos determinados ou livres? Somos os únicos fabricantes de valores? Deus é realmente bom? Deus é pessoal ou impessoal? Deus existe, afinal?

Quando propostas nessa seqüência, essas perguntas podem nos deixar atônitos. Ou achamos que as respostas são tão óbvias e ficamos pensando por que alguém nos aborreceria fazendo tais perguntas, ou então perguntamos a nós mesmos como cada uma delas pode ser respondida com algum grau de certeza. Se sentimos que as respostas são óbvias demais para merecer nossa consideração, então possuímos uma cosmovisão, mas não temos nenhuma idéia de que muitos outros não a compartilham. Deveríamos perceber que vivemos num mundo pluralista. O que pode nos parecer óbvio talvez seja “uma mentira dos diabos” para nosso vizinho ao lado. Se não reconhecermos isso, certamente passaremos por ingênuos ou provincianos e teremos muito que aprender sobre viver no mundo de hoje. Por outro lado, se achamos que nenhuma das perguntas pode ser respondida sem sermos desonestos ou cometer suicídio intelectual, já adotamos uma espécie de cosmovisão – uma forma de ceticismo que em sua mais extrema expressão nos leva ao niilismo.

O fato é que não podemos evitar assumir algumas respostas para tais questões. Adotaremos uma ou outra posição. A recusa em assumir uma cosmovisão explícita já é em si uma cosmovisão ou, pelo menos, uma posição filosófica. Em resumo, fomos apanhados. Contanto que vivamos, viveremos uma vida examinada ou não.

Extraído e adaptado de *O Universo ao Lado*,
James W. Sire, Editora Hagnos, 2004